

# SOLIDÕES QUE PERPASSAM A PESSOA NEGRA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO: PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES NEGRAS À LUZ DO PENSAMENTO DE ZORA NEALE HURSTON

*Solitudes Experienced by Black Individuals in the University Space: Perspectives and Experiences of Black Students in Light of Zora Neale Hurston's Thought*

**Resumo:** Este artigo explora algumas vivências com enfoque na solidão da mulher negra no espaço universitário, à luz do pensamento de Zora Neale Hurston. Conhecida por sua obra *Their Eyes Were Watching God* (1937) e por suas colaborações à antropologia cultural, Zora contribuiu com uma perspectiva fundamental na compreensão das complexidades raciais enquanto mulher e negra, integrando diversos ambientes, incluindo acadêmicos, predominantemente brancos. Através de uma disciplina optativa, os docentes desenvolveram um breve estudo das camadas de isolamento, exclusão e resistência que marcaram as trajetórias acadêmicas. As solidões experimentadas são multifacetadas, incluindo a invisibilidade dentro da sala de aula, a falta de representatividade no corpo docente e a exclusão de redes acadêmicas. Este trabalho contribui para a compreensão das barreiras ainda presentes no ensino superior e destaca a importância de políticas de inclusão que vão além do acesso, promovendo um ambiente verdadeiramente acolhedor e equitativo, possibilitando não somente a ocupação, mas também a permanência e manutenção nos respectivos espaços. Assim, a reflexão de Zora sobre identidade e resistência cultural, enquanto pesquisadora negra, oferece um quadro teórico essencial para analisar e confrontar essas dinâmicas no contexto universitário contemporâneo.

**Abstract:** *This article explores some experiences with a focus on the solitude of Black women in the university space, in light of Zora Neale Hurston's thought. Known for her work *Their Eyes Were Watching God* (1937) and her contributions to cultural anthropology, Zora provides a fundamental perspective in understanding the racial complexities of being a Black woman integrating into various environments, including predominantly white academic settings. Through an elective course, the professors developed a brief study of the layers of isolation, exclusion, and resistance that mark academic trajectories. The solitudes experienced are multifaceted, including invisibility in the classroom, lack of representation among faculty, and exclusion from academic networks. This work contributes to understanding the barriers still present in higher education and highlights the importance of inclusion policies that go beyond access, promoting a truly welcoming and equitable environment, enabling not only occupation but also permanence and maintenance in these spaces. Thus, Hurston's reflection on identity and cultural resistance, as a Black researcher, offers an essential theoretical framework for analyzing and confronting these dynamics in the contemporary university context.*

## INTRODUÇÃO

O espaço acadêmico, embora não tenha sido pensado para pessoas dissidentes – neste caso, com enfoque nas dissidências raciais –, está sendo cada vez mais ocupado e transformado por elas. Em termos de acesso, é indiscutível a influência da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que desde sua promulgação tem ampliado a entrada de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas nas universidades e Institutos Federais. Nós, duas estudantes, mulheres e negras, percebemos tais relações no percurso que traçamos em cursos diferentes, porém bastante próximos. Ao pensarmos na trajetória de pessoas negras em espaços acadêmicos, neste caso, com enfoque nas universidades, esses lugares se configuram como ambientes hostis e solitários.

Esse sentimento de solidão não se relaciona somente com a falta de outras pessoas dissidentes (neste contexto, enquanto dissidência étnica, de gênero, ou racial), mas também com a ausência de discussões e abordagens que de fato abarquem vivências diversas. Ao ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), esses sentimentos surgiram e, ao longo do caminho, foram experienciados em diversos momentos. Nós, enquanto estudantes negras, traçaremos a discussão a partir de atravessamentos pessoais marcados pela particularidade de cada uma.

A exemplo disso, a produção de Lara de Paula Passos (2017), em que a autora faz uma análise bibliométrica em um curso de graduação, demonstra como as leituras de pesquisadores dissidentes ainda são raras quando comparadas aos demais. É comum serem discutidas somente produções brancas acerca da realidade do mundo,

Joyce de Souza Marrocos  
Graduada em Ciências Socioambientais pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG.

**Contato**  
marrocosjoyce@gmail.com

Thamyres da Silva Pacheco  
Graduada de Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

**Contato**  
thamyrespacheco123@gmail.com

**Palavras-chave:**  
solidão acadêmica; mulheres negras; Zora Neale Hurston; resistência.

**Keywords:**  
academic solitude; black women; Zora Neale Hurston; resistance.

sendo desta maneira moldados o embasamento teórico dos estudantes. Da escrita de Passos (2017), até o momento atual, ocorreram modificações significativas no cenário das universidades, mas permanecemos distantes do ambiente ideal para a permanência e aproveitamento da universidade enquanto um espaço de diálogo e conhecimento sem vieses pautados nos grupos dominantes.

Ainda que o espaço acadêmico esteja relativamente acessível, é preciso ter em mente que embora as políticas de entrada e permanência amenizem parte da problemática, é necessário levar em consideração que existem outros fatores que afetam pessoas negras, entre eles a necessidade de estar ativo no mercado de trabalho, o que muitas vezes não é possível de conciliar com os estudos. Para aqueles que conseguem adentrar, é percebido que a universidade ainda está longe de ser um espaço acolhedor e dinâmico em suas pautas. A experiência motivadora desta escrita parte das vivências em uma sala de aula cuja temática tratou de estudar e discutir coletivamente a vida e as obras de Zora Neale Hurston e suas contribuições enquanto pensadora, tanto para a antropologia, quanto para o estudo de corpos racializados em geral. A partir desses diálogos, ficou perceptível as semelhanças nas experiências de estudantes negros dentro do ambiente em questão, ao passo que essas se apresentavam com nuances diversas em termos de gravidade, consequências e potencial destrutivo.

Ao estarmos inseridos em um espaço de diálogo sobre as experiências negras dentro da universidade, a sala de aula se tornou um ambiente de trocas quanto as dores e conquistas que nos cercam. Foram comuns os relatos sobre pautas e questionamentos feitos a professores e colegas brancos que não receberam a devida atenção. Um desses pontos versa justamente ao que Passos (2017) traz em sua produção: a não leitura de pesquisadores negros. Foi possível visualizar os impactos causados pela prática, na medida que, ao conhecer tais produções, o estudante negro é capaz de se enxergar enquanto uma existência possível dentro da academia.

Ao mesmo tempo, é indispensável mencionar que as vivências negras que muitos de nós pensávamos ser individuais e sentíamos seus efeitos de maneira isolada, ao serem expostas no diálogo, o que se evidenciou foi um leque de semelhanças entre os colegas. A partir disso, o acolhimento das dores e a escuta ativa dos docentes nos levaram a discutir sobre como, ao longo do tempo, a realidade universitária vem se transformando de maneira positiva.

Apesar disso, são comuns os casos de racismo, muitas vezes dentro da ideia de racismo cotidiano (Kilomba, 2019), menos perceptíveis a olhos externos, como, por exemplo, na desvalorização dos trabalhos produzidos por estudantes negros, nas oportunidades ofertadas a estudantes brancos que diferem das ofertadas a pessoas dissidentes, ou ainda na recusa de produção de crítica acerca de contextos que atravessam diretamente nossa existência, como pautas ligadas ao período escravista, racismo ambiental etc.

Com as leituras de Zora, foi evidenciada uma outra camada. De forma um tanto heroica, a autora demonstra através do seu trabalho formas de lidar com conflitos raciais e atingir objetivos desejados. Em suas vivências – distantes temporal e geograficamente, ainda que atravessemos desafios no mesmo âmbito, e não sendo sua tarefa enquanto pesquisadora, principalmente pelo fato de pessoas cis brancas não serem postas sob tal obrigação –, em seu modo de conduzir pesquisas, colocando a antropologia em exercício, Hurston construiu metodologias revolucionárias e plenamente alinhadas com discussões atuais; metodologias essas que são norteadoras para se pensar e produzir estudos científicos de maneira respeitosa com pessoas negras, alcançando de maneira mais satisfatória suas particularidades.

## **ZORA NEALE HURSTON, SUA INFLUÊNCIA E TRAJETÓRIA**

Falar sobre quem foi Zora é um tanto complexo e difícil quando é necessário ser breve. Sua trajetória foi marcada por diversos percalços, em certa medida, baseados no fato de ser uma pesquisadora negra frente ao universo de uma antropologia majoritariamente branca. Este fato não a impediu de traçar um caminho memorável sobre o qual suas feitura, ideologias e tudo que diz respeito à sua passagem pela antropologia levam tempo para serem desfrutados. Cabe mencionar as atividades que vão além da atuação enquanto antropóloga, mas também como cinegrafista, autora, pesquisadora, cantora, dentre outras características, e, sobretudo, mulher negra ocupando esses espaços.

Zora Neale Hurston (1891-1960) foi uma renomada escritora, antropóloga e pesquisadora afro-americana do século XX. Ela é conhecida por suas contribuições significativas para a antropologia e literatura afro-americana, além de realizar a elaboração de muitos filmes documentais como metodologia para registros de campo durante muitas de suas pesquisas. Estudou na Universidade Howard e mais tarde na Barnard College, onde foi aluna de Franz Boas, um influente antropólogo. Suas pesquisas antropológicas incluíram estudos sobre folclore afro-americano no sul dos Estados Unidos e no Caribe.

Apesar das notáveis contribuições, Zora não recebeu o reconhecimento merecido durante sua vida; dentre as várias problemáticas vivenciadas por ela, é fundamental destacar que o racismo foi um dos fatores que mais contribuiu para a sua invisibilidade e apagamento. No entanto, vem se consolidando um ressurgimento do interesse em sua obra, um movimento de reconhecimento de sua figura como uma das vozes mais importantes da literatura afro-americana.

A antropologia foi o ponto de encontro de nossas trajetórias e, sob seus aspectos teóricos metodológicos, o modo como suas pesquisas foram produzidas e transformadas ao longo do tempo se tornou um lugar interessante para tratar de vivências acadêmicas. Com o olhar em certa

medida autoetnográfico (Versiani, 2002), pensar categorias que acionamos, e como articulamos discursos, implica diretamente no que será lido e perpetuado. Rafael de Abreu (2021, p. 65) diz que “materialidades que concretizam o racismo atuam, muitas vezes, no silêncio. São habilidosas, reproduzindo e perpetuando ideias, estereótipos e desigualdades”. Tais situações se materializam também no cotidiano, onde determinados corpos são acionados e validados ao passo que outros são apagados e postos de lado. Dentro de campos científicos, onde o embasamento se dá através de pensadores, ou seja, na reprodução do que foi pensado e elaborado por uma pessoa, isso pode causar forte impacto na permanência e consolidação dentro do campo, como ocorreu com Zora.

Por outro lado, trabalhos ditos clássicos da antropologia foram produzidos em sua maioria por homens brancos, como Franz Boas, Bronisław Malinowski, Clifford Geertz, Alfred Radcliffe-Brown, E. E. Evans-Pritchard, Claude Lévi-Strauss, James Frazer, entre muitos outros que, com suas pesquisas, produziram conhecimentos e métodos de extrema relevância, mas que, ao mesmo tempo, foram feitos sob uma relação que atualmente é alvo de críticas, apesar de permanecerem no cerne das discussões. A ideia da relação pesquisador-pesquisado, embora tenha funcionado para o que propunham a seu tempo, deixou de lado uma série de aspectos que poderiam ter transformado suas pesquisas. Pensar nas pessoas para além do olhar técnico abre espaço para dimensões subjetivas que muitas vezes contêm os verdadeiros traços relevantes ao modo em que as tradições culturais se reproduzem.

Observar o modo com que um certo grupo se alimenta, sem interagir com eles, resultará em uma lista de ingredientes pouco vinculada com o que de fato perpassa tal hábito. Enquanto a interlocução e um diálogo mais próximo destas pessoas pode resultar em narrativas ancestrais sobre consumo e modo de preparo, gerando assim uma gama de informações muito maior. A cultura vai além de hábitos práticos: ela é permeada de elementos intangíveis a posicionamentos distanciados. Muitos desses elementos permanecem assim, ainda que se aproxime das comunidades, pois tratam de conhecimentos formulados e aprendidos ao longo de uma vida, sem que seja possível alcançá-los apenas no decorrer das pesquisas de campo.

Reconhecer e entender até que ponto é possível ir em uma pesquisa e, principalmente, ir até onde as pessoas interlocutoras permitem e desejam que se vá é fundamental ao pensar uma antropologia responsável. Zora Hurston, em suas pesquisas etnográficas, praticava o que chamamos de observação participante, dialogando com os interlocutores e participando ativamente das atividades. Desse modo, estabelecia uma relação mais respeitosa e que se aproximava mais da realidade a ser descrita.

Nas produções literárias, Zora marca suas vivências e, com isso, aponta para característi-

cas distintas que guiam a percepção das pessoas quando as pesquisas são produzidas por e sobre pessoas negras, visto que seus posicionamentos estavam bem demarcados. Como descrito no texto *O que os editores brancos não publicarão* (2019), talvez a forma com que a autora traz seus posicionamentos tenha sido uma das principais razões para seu apagamento, tanto na literatura quanto na antropologia. Mostrar a riqueza cultural e a trajetória de resistência, partindo de dentro e não olhando para os interlocutores enquanto objeto de estudo, como é feito pela autora, vai contra a ideia de pensar esses corpos e existências como o “outro”, como a muito se tentou fazer.

Ainda que se fale no desejo de conhecer mais sobre a população não branca, no período em que Zora viveu, e até mesmo atualmente, as dores e visões estereotipadas parecem mais interessantes do que perceber quão ricas são as culturas. Ver o quanto de resistência tem em sua continuidade e o quanto que, apesar de todas as tentativas de apagamento e extermínio, sobrevivemos conquistando cada vez mais um espaço que é nosso, pode significar à população branca abrir mão de uma superioridade que há muito tenta firmar. Mesmo com toda sua metodologia e resultados que corroboraram para a produção da ciência, Zora teve, ao longo da sua trajetória, e até mesmo além dela, críticas que ultrapassaram o científico, que atravessaram sua existência – como a não publicação de seus trabalhos em função da sua cor, uma vez que as editoras estavam majoritariamente ocupadas por pessoas brancas, fato esse reconhecido pela própria autora e relatado no texto *O que os editores brancos não publicarão* (Hurston, 2019).

Apesar de suas notáveis contribuições para a literatura e antropologia, Zora enfrentou desafios em função do racismo, em parte ao racismo sistêmico que permeava a sociedade naquela época e que não se diferenciava em demasia na atualidade. Mas vale ressaltar que o período em que Zora estava atuando foi caracterizado por uma segregação racial profunda: o racismo estava enraizado em várias instituições, incluindo o mundo editorial e acadêmico; muitos escritores afro-americanos enfrentavam barreiras para terem suas obras publicadas e reconhecidas em uma escala mais ampla.

Tal situação configura também aquilo que Grada Kilomba (2019) denomina “racismo cotidiano”, em que o sujeito negro é constantemente colocado no cenário das plantações, sendo negada a humanidade em pleno exercício do direito. No caso de Zora e outros pensadores negros, é negado o lugar de pensador, sendo postos a categorias de seres incapazes de produzir algo socialmente e cientificamente relevante. Sua abordagem autêntica e muitas vezes ousada sobre a vida e a cultura afro-americana, que eram vistas como fora do convencional na época, não se alinhava com as expectativas daqueles que controlavam o acesso aos recursos literários e culturais.

Embora Zora Neale Hurston tenha vivido em uma época diferente, o racismo ainda ressoa nas experiências de pessoas que produzem ciência na

atualidade. Ao estabelecer uma conexão entre Zora e nossas trajetórias contemporâneas, podemos destacar as lutas persistentes contra o racismo no meio acadêmico. Aqui estão alguns pontos de conexão possíveis: da mesma forma que ela teve suas produções e credibilidade questionadas incontáveis vezes, encontramos dificuldade em validar a nossa produção de ciência, pesquisas ou na obtenção de reconhecimento acadêmico, devido ao viés racial persistente no processo de revisão por pares e na estrutura das instituições acadêmicas, especialmente enquanto dissidentes.

Retomando o modo que as pesquisas são conduzidas, embora sejam comuns os estudos sobre povos dissidentes, são poucos os que foram feitos em colaboração. Por esta razão, é comum que esses sejam superficiais, ou que criem imagens estereotipadas dessas pessoas. Aqui, a ideia de colaboração segue o conceito de “Arqueologias Indígenas” ou “Arqueologias Colaborativas” descrito pela arqueóloga Fabíola Silva (2012) que, ao tratar da necessidade de repensar como as pesquisas estão sendo feitas, propõe uma aproximação entre pesquisadores e a comunidade com a qual se irá trabalhar. Desse modo, a proposta aponta para tratativas em que “o objetivo da pesquisa está direcionado para a produção de conhecimento com, para e pelos indígenas e não apenas sobre eles” (Silva, 2012, p. 26).

Nesse mesmo sentido, ao falar sobre os perigos de uma história única, Chimamanda Adichie discorre sobre o quão prejudiciais podem ser os trabalhos em que somente uma das partes da história seja contada e o quanto esse movimento de criação de histórias únicas pode atuar como ferramenta de poder. Desse modo, a autora diz que:

O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. [...] Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente (Adichie, 2009, p. 12).

Pensar nas descrições tão recentes como as de Silva (2021) e Adichie (2009) colocam uma discussão que interpela a produção de Zora muito além de seu tempo; um exemplo disso é a forma com que conduziu o trabalho etnográfico com Oluualê Kossola. Nesse trabalho, conforme foi possível perceber a partir da leitura, as entrevistas não eram pensadas e realizadas de maneira totalmente estruturada; além disso, os momentos de conversas e as pautas levantadas eram decididas pelo interlocutor em uma dinâmica de trocas. O alinhamento com modos de pensar e produzir pesquisa de Zora e produções recentes vai de encontro ao que Harteman e Moraes (2018) propõem ao tratar da descolonização da arqueologia, em que a inversão se faz completa e se distancia dos modos clássicos da ciência. Nesse sentido, as produções da autora demons-

tram que a frase comum “ser uma pessoa de seu tempo”, dita para justificar posicionamentos racistas, perde força, posto que, ao seu tempo, Zora Hurston mostrou ser possível produzir ciência de outra maneira.

## REFLEXÕES A PARTIR DA ZORA

O racismo acadêmico se manifesta de diversas formas, sendo uma das mais críticas a baixa representação de bibliografias de autores negros, especialmente mulheres, nas referências dos cursos – nesse caso, Ciências Sociais e Ciências Socioambientais –, pois, uma vez que se tratam de cursos que integram o gupo de humanas, esperava-se por parte das autoras que apresentassem maior sensibilidade e expertise durante a composição das bibliografias base das disciplinas. Essa lacuna cria um ambiente onde a produção científica de pesquisadores negros enfrenta barreiras significativas para alcançar visibilidade e reconhecimento. Essa ausência de representatividade dificulta a identificação e o sentimento de pertencimento dos estudantes negros no espaço universitário. A escassez de espaços de convívio em que mais estudantes negros estejam inseridos, limita, de forma significativa, as oportunidades de compartilhar experiências e conhecimentos, exacerbando o isolamento e dificultando a formação de redes de apoio fundamentais para o sucesso acadêmico.

Além disso, a dupla jornada de trabalho e estudo – uma realidade para muitos que ocupam a universidade – impede o pleno aproveitamento de oportunidades, como a participação em grupos de pesquisa, programas de iniciação científica e trabalhos de campo, em função da necessidade de conciliar compromissos financeiros e disponibilidade. Essas são algumas das dificuldades estruturais centrais e que comprometem a permanência e a manutenção de estudantes negros na universidade, aumentando a probabilidade de evasão.

Ao longo do percurso do curso de Ciências Socioambientais até o sétimo período – sendo o curso composto por oito períodos –, houve uma lacuna significativa em relação ao conceito e utilização do termo “racismo ambiental”. A ausência de definição sobre o termo despertou uma reflexão sobre as razões pelas quais algo tão crucial não era abordado de maneira mais proeminente no currículo acadêmico e pelos docentes ao ministrar as aulas – incluindo as que discutiam majoritariamente problemáticas que se estabelecem a partir do racismo ambiental, mas que não eram apontadas como tal, ou sequer apontadas como racismo. Há uma importância em popularizar e estudar com profundidade o conceito de racismo ambiental – que denomina a tendência de grupos étnicos originários estarem mais expostos a vulnerabilidades socioambientais (disputa territorial, escassez hídrica, falta de saneamento básico etc.) –, especialmente em um curso que se compromete a correlacionar humanidade e natureza.

Algo bem comum é que, ao determinar patri-

de tombamento, alguns casarões e mansões da época da colonização são conservados a fim de preservar e memorar a beleza arquitetônica da época, por exemplo, enquanto os patrimônios que comumente são tombados com a finalidade de estabelecer memórias da cultura afrodescendente são, em sua maioria, espaços que lembram cenários de violência e sofrimento. Ao observar o cenário histórico cultural como um todo, ficam escassos casos que remetem de fato à cultura, suas benfeitorias e as contribuições significativas na construção nacional. Para além dos trabalhos físicos, a população negra atua diretamente na promoção da educação e, demandando a criação de políticas públicas, sabemos que os avanços experienciados hoje não surgem de uma tomada de consciência espontânea, mas da constante luta de populações minoritárias através de organizações sem fins lucrativos e movimentos populares.

A invisibilização destas atividades e das produções de pessoas negras, tanto no passado quanto no presente, estão envoltas em constantes tentativas de manutenção de privilégios da branquitude. Portanto, colocar em pauta discussões e referenciais dissidentes é importante na desconstrução desse cenário, ampliando espaço para a diversidade de corpos e de pensamentos dentro da academia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o racismo no meio acadêmico se revela de maneiras complexas e multifacetadas e é fundamental que, enquanto pessoas negras integrantes desse espaço, haja sempre reflexão e autoquestionamento de cada detalhe que, por menor que pareça, causa atravessamentos que devem ser igualmente questionados. Mais do que isso, a quem recebe o papel de protagonista e ator principal dessa junta acadêmica (corpo docente e estudantes brancos), que façam dessa participação um diferencial ao incluir e debater essas e as demais questões que reverberam a vivência universitária no que diz respeito a produção e referência científica de autores e pesquisadores negros, especialmente mulheres.

Falar de Zora enquanto antropóloga é um exercício de extrema importância no resgate de sua trajetória. Mas essa importância não se concentra somente em mostrar que, além dos trabalhos literários, ela também produziu pesquisas importantes à antropologia, e sim em mostrar o quanto revolucionários foram seus escritos e que eles têm muito a contribuir para os avanços da antropologia enquanto campo de pesquisa científica e produção de conhecimento. A antropologia, tem avançado rumo a se estabelecer como uma ciência mais diversa, com a atuação de diferentes corpos na sua prática; não mais como objeto de estudo exótico e distante, mas como interlocutores que participam ativamente das pesquisas, como pesquisadores, intelectuais e pensadores destes novos caminhos. Esse movimento não se deu e não se perpetua a partir de autocrítica daqueles já instituídos, mas acontece a partir da demanda das pessoas fora dos grupos social e

racialmente dominantes.

Ao pensar nisso, Zora, na forma com que produziu suas pesquisas, mostra-se como uma importante referência metodológica para o que se pretende em estudos antropológicos colaborativos e decoloniais. Zora Neale Hurston, mulher negra, enfrentou uma série de desafios e violências em seu percurso, mas hoje é referência e esperança à possibilidade de que pessoas diversas pensem a academia como um espaço em que, apesar de desafiador, é possível. Que a Ciência com letras maiúsculas não seja feita sobre nosso povo, mas que seja com, para e pelo nosso povo. Embora estejamos longe de viver a universidade em sua plena diversidade e pluralidade, o aumento significativo de participações dissidentes nesse espaço – aprendendo, produzindo, sendo lidos e ouvidos – permite que seja possível esperar futuros em que o cenário seja diferente, que não nos percamos no caminho. “Nada sobre nós, sem nós” (Evaristo, 2023).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- EVARISTO, Macaé. **Realizamos na Comissão de Educação uma audiência pública [...]**. Belo Horizonte, 21 set. 2023. Instagram: @macaevaristo. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/Cxc\\_Zu4OihS/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/reel/Cxc_Zu4OihS/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em: 03 dez. 2023.
- HARTEMANN, Gabby; MORAES, Irislane Pereira de. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 9–34, 2022.
- HURSTON, Zora Neale; BASQUES, Messias. O que os editores brancos não publicarão (Tradução) / Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação – Messias Basques). **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2019.
- HURSTON, Zora Neale. Introdução. In: **Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado**. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- KILOMBA, Grada. Quem pode falar?. In: **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47–70.
- PASSOS, Lara de Paula. Gotas de um oceano: uma análise bibliométrica feminista de um curso de graduação. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 130–144, 2017.
- ANDRÉA SILVA, Fabíola. O plural e o singular das arqueologias indígenas. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 24–42, 2012.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. Materialidades discriminatórias: racismo concretizado no cotidiano. **Tessituras, Pelotas**, v. 9, n. 1, p. 63–91, jan./jun. 2021.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de Hoje**, [s. l.], v. 37, n. 4, 2013.